



As lentes da psicologia na tarefa da teologia prática: hermenêutica psicológica na leitura dos textos sagrados e práticas eclesiais

*The lenses of psychology in the task of practical theology:
psychological hermeneutics in the reading of sacred texts and
ecclesial practices*

DANIEL GUANAES^a

Resumo

Este artigo se propõe a discorrer sobre uma das muitas interfaces existentes na importante relação entre psicologia e teologia: o lugar de uma hermenêutica psicológica na leitura dos textos sagrados e práticas eclesiais de comunidades de fé cristãs. A esfera da teologia prática, uma das subdivisões da teologia enquanto ciência, tem sido um dos solos sobre os quais a interface supramencionada se torna possível. Pesquisas qualitativas em comunidades de fé e suas relações com os textos sagrados têm se beneficiado do uso de hermenêuticas diversas, incluindo a hermenêutica psicológica. Este artigo se propõe a apresentar ao leitor o lastro da antiga relação entre estas ciências, bem como os seus benefícios para as investigações teológicas.

Palavras-chave: Hermenêutica. Teologia prática. Psicologia.

Abstract

This article aims to investigate one of the many existing interfaces between theology and psychology: the place of a psychological hermeneutical as a tool to read the sacred texts and to understand the ecclesiastic practices of Christian communities. The field of practical theology has been one of the grounds where this relationship reveals to be possible. Qualitative researches about faith communities and their relationship with the bible, the creeds, and the practices of their people have been benefiting from different hermeneutical tools, including a psychological approach. This article,

^a Universidade de Aberdeen (Escócia), ABDN, Escócia. Doutor em Teologia, e-mail: danielguanaes@gmail.com

thus, presents the bonds between these two sciences, as well as its benefits to theological investigation.

Keywords: *Hermeneutics. Practical theology. Psychology.*

Introdução

Pesquisas eclesiológicas geralmente são vistas apenas a partir de análises teológicas doutrinárias. Nicholas Healy critica tais formas exclusivistas de se investigar igrejas, alegando que “análises eclesiológicas monocromáticas” correm o risco de gerar percepções abstratas e incompletas (HEALY, 2000, p. 37). Outras perspectivas hermenêuticas podem lançar luz sobre a realidade do corpo da igreja, trazendo novas informações sobre o seu contexto, expandindo as formas de compreender sua mensagem.

Este artigo se propõe a discutir a relação entre a teologia e a psicologia. É possível que, ao leitor, essa abordagem de pesquisar uma cultura religiosa pela ciência social seja pouco convencional. Há, entretanto, um número crescente de acadêmicos que abordam a teologia pelas lentes da psicologia. Quer no campo dogmático, quer em estudos críticos dos textos do Antigo e Novo Testamento, quer na dimensão da teologia em sua práxis, a relação estabelecida tem sido explorada de maneira crescente.

F. C. Grant (1959), Joseph Fitzmyer (1994), James Dittes (1999), Ilona Rashkow (1993), Gerd Theissen (1987), Cedric Johnson, Andrew Kille e Wayne Rollins (1997) são alguns dos muitos pesquisadores que acreditam que o uso da psicologia pode iluminar textos bíblicos e expandir os horizontes da teologia em sua interface com outras disciplinas. Além destes, há outros como Bonnie J. Miller-McLemore (2003), Debora van Deusen Hunsinger (1995), Alvin Dueck e Cameron Lee (2005), e Nancy Murphy (1990) que discutem como a psicologia e a teologia podem ser integradas de forma crítica.

Uma vez que este artigo discorrerá sobre a relação das duas ciências no campo da teologia prática, considerações sobre este ramo da teologia serão tecidas. Em sequência, as conexões entre a psicologia e a teologia, bem como os benefícios desta relação serão apresentados.

Teologia Prática

A área da teologia que faz interface com as ferramentas da ciência social é chamada de “teologia prática”. Trata-se de um paradigma alemão de reflexão teológica, como Pattison explica, que tem Friedrich Schleiermacher como seu “pai” (PATTISON, 2007, 16), e que “se aloca na diversidade da experiência humana, habitando a complexa rede de relacionamentos e experiências que formam a fábrica de tudo o que sabemos” (SWINTON; MOWAT, 2001, p. 3). Conquanto, concordantes nos elementos centrais que as definem, as conceituações de teologia prática apresentam leves variações, de acordo com os autores.

Woodward e Pattison, por exemplo, a classificam como “o lugar no qual crença religiosa, tradição e prática encontram experiências contemporâneas, questões e ações, e conduz um diálogo que é mutualmente enriquecedor, intelectualmente crítico e praticamente transformador” (WOODWARD; PATTISON, 2000, p. 7). Swinton e Mowat, por sua vez, definem teologia prática como “reflexão teológica crítica sobre as práticas da igreja, ao interagir com as práticas do mundo, com o objetivo de garantir e possibilitar uma participação fiel nas práticas retentivas de Deus no, para e pelo mundo” (SWINTON ; MOWAT, 2001, p. 6). Acredito que tanto a definição de Woodward e Pattison, quanto a definição de Swinton e Mowat são importantes, posto que complementares. Scharen e Vigen contribuem para a compreensão da razão das diferentes ênfases na definição do que seja teologia prática. Como descrito abaixo, o objeto de estudo deste subgrupo da teologia não está alocado num espectro específico, mas diluído na vida da comunidade cristã.

Qual parte da vida de uma comunidade cristã é “teológica” ou “teologicamente ética”? É a fala? É o sermão? É o recital de credos? É o aconselhamento feito pelo pastor? Será que “teológica” é uma palavra que se refere apenas a algumas coisas ditas no espaço da igreja? Se for o caso, como ficam os que não compreendem o dogma trinitário? Ou aqueles que vivem nas ruas - cuja principal vocação é sobreviver? O que as diferenças de raça e de status social que temos em nossa cultura tem a ver com “teologia”? (SCHAREN; VIGEN, 2001, p. xi).

Teologia prática, portanto, é a experiência contemporânea combinada aos *insights* teológicos, criticamente analisada, que ajuda e possibilita a igreja a cumprir seu papel na missão redentora de Deus no mundo. Seu papel é o de investigar ocorrências contemporâneas relacionadas à vida da igreja, de tal forma a respondê-las

com relevância para a vida das pessoas. Não de maneira informal e desorganizada, mas metodológica e categorizada.

O processo de reflexão teológica não está restrito ao campo das discussões doutrinárias. Tão importante quanto interpretar as Escrituras, as doutrinas cristãs e a história da igreja é o trabalho de interpretação das práticas da igreja. O ato do fazer teológico está para além da absorção de conceitos teóricos. O ato do fazer teológico está relacionado à vida como um todo.

Ao afirmar isto, sustenta-se a teologia como ciência que também se ocupa dos padrões, comportamentos e aspectos que moldam certo grupo. Ou seja, há um lado prático na teologia tão importante quanto o seu lado teórico. É o lado que possibilita às pessoas avaliarem elementos como características cotidianas da vida de uma igreja, sua relação com a sociedade, suas principais marcas, entre outros.

Pesquisas qualitativas por muito tempo estiveram restritas a acadêmicos das ciências sociais, como antropólogos, sociólogos e psicólogos. Teólogos contemporâneos começaram a fazer uso de tais ferramentas, encurtando a distância entre as ciências sociais e a teologia. Como afirmam Swinton e Mowat, “as ciências sociais ofereceram aos teólogos que se ocupam da teologia prática acesso à natureza da mente humana, aos meandros das culturas, e a aspectos políticos e sociais da vida da igreja, cujas implicações afetam o processo do fazer teológico” (SWINTON; MOWAT, 2001, p. vi).

Mesmo assim, vale destacar que a alegação da etnografia como possibilidade teológica não é unanimemente aceita entre os estudiosos. Milbank, por exemplo, defende a ideia de que as ciências sociais são incompatíveis com a teologia. Por tal razão, ele entende que seus métodos não deveriam ser empregados no labor teológico. Em suas palavras, “a teologia precisa providenciar por si mesma as ferramentas pelas quais atuará na história da humanidade, baseada em suas próprias particularidades e na experiência da fé” (MILBANK, 2006, p. 380).

Hauerwas é outro acadêmico que critica o uso das ciências sociais pela teologia. Ele alega que a igreja é chamada para viver de maneira diferente do resto do mundo, de tal forma que a comunidade dos discípulos de Jesus deve ser percebida como uma espécie de contra-sociedade (HAUERWAS, 1988, p. 102). Para fazer isso, portanto, a igreja tem seus próprios modos de perceber e organizar a vida, elaborar seus ritos e sacramentos. Essa essência sectária da igreja é vista por Hauerwas como sua tarefa

política e social. Da maneira como ele compreende, a igreja não precisa usar as ferramentas das ciências sociais, porque a liturgia da igreja é, em si, um ato social (HAUERWAS, 1995, p. 8).

Por outro lado, há estudiosos que discordam com a leitura de Milbank e Hauerwas. Gill, respondendo aos dois autores supracitados, vê um problema na abordagem de ambos, por acreditar que ela considera a igreja de maneira idealizada e pouco real. Ele também afirma que a ideia de que a cultura cristã e as práticas da igreja formam uma sociedade alternativa é frágil — vide o fato de a vida das pessoas que compõem a igreja e as que não a pertencem ser muito similar em diversos aspectos (GILL, 1999, p. 13-30). Swinton e Mowat também defendem o uso das ferramentas das ciências sociais na tarefa teológica, desde que o uso seja feito de maneira crítica. Eles acreditam que os métodos de pesquisa qualitativa podem ser extremamente proveitosos na orientação da reflexão teológica em sua dimensão prática (SWINTON; MOWAT, 2001, p. vii).

Este artigo se alinha a Swinton, Mowat, Gill e os demais autores que acreditam na possibilidade de se fazer teologia considerando as ferramentas oferecidas por outros saberes. Métodos das ciências sociais podem ser usados criticamente para lançar luz no desenvolvimento de análises teológicas. Como qualquer outro núcleo, a igreja se engaja com diversos segmentos sociais, têm seus próprios padrões, características e comportamento que merecem ser analisados. O crescente número de teólogos fazendo uso de métodos qualitativos em suas pesquisas parece sugerir ser este um caminho capaz de enriquecer ainda mais o labor teológico¹.

A conexão entre psicologia e teologia

Existe um crescimento na literatura acadêmica que explora as conexões entre as disciplinas da psicologia e da teologia. Alguns estudiosos fazem distinção entre ambas alegando que a psicologia diz respeito à psique, e a teologia se ocupa das questões da alma. No entanto, a história das disciplinas em questão mostra que ambas têm mais coisas em comum do que muitos supõem.

¹ Para futura discussão sobre o assunto, leia Scharen, C. & Vigen, A. M (2001); Swinton, J. & Mowat, H. (2001); Moschela (2008); Hammersley, M & Atkinson, P. (2007); Sapsford, R & Jupp, V. (2006).

De acordo com Wayne Rollins, somente no fim do século XX a discussão sobre a interface dessas duas áreas voltou a aparecer. No entanto, muito antes disso acadêmicos já haviam mostrado a importância da relação entre a psicologia e estudos bíblicos. A *System of Biblical Psychology*, de Franz Delitzsch, foi publicado pela primeira vez em 1855, *Outlines of Biblical Psychology*, de J. T. Beck, foi escrito em 1877, e Scott Fletcher escreveu *The Psychology of the New Testament* em 1912, por exemplo (KILLE; ROLLINS, 2007, p. 16).

De fato, a psicologia pode ser uma chave hermenêutica muito importante para ajudar a compreender as Escrituras. Isso não significa que ela seja uma ferramenta superior às demais para abordar questões de ordem bíblica e teológica. Tampouco é, em contrapartida, inferior. Elas simplesmente se complementam em escopo. Como Gerd Theissen afirma, “quem quer que pense que a religião possa ser iluminada factual e historicamente sem as lentes da psicologia está tão equivocado quanto quem supõe que tudo sobre a religião precisa ser iluminado por elas (THEISSEN, 1987, p. 398). Fletcher complementa, “Uma teologia bíblica saudável se constrói a partir de uma psicologia bíblica saudável” (FLETCHER, 2010, p. 12). Isso significa que a tarefa de analisar a dimensão psicológica das escrituras através das ferramentas das ciências comportamentais é primordial.

Alguns estudiosos enxergam a hermenêutica em questão como uma ameaça à abordagem hermenêutica histórica (LOPES; SEARLE, 2002, p. 3). No entanto, como Rollins afirma, “a abordagem histórica tem atuado bem ao evitar uma leitura da Bíblia que seja desprovida da razão. No entanto, a abordagem psicológica é necessária para que se evite uma leitura da Bíblia que seja desprovida da alma” (ROLLINS, 1999, p. vii). Ou seja, uma leitura que não dá muita atenção aos aspectos relacionados à psiquê. Diferentes abordagens hermenêuticas não são necessariamente exclusivas, mas podem se complementar para proporcionarem melhor compreensão da Bíblia e de realidades eclesiológicas específicas.

Como Delitzsch afirma, a “psicologia bíblica não é ciência recente. Pelo contrário, é uma das ciências mais antigas da igreja” (ROLLINS, 1999, p. 3). Desde a

Patrística teólogos têm se debruçado sobre o tema (ROLLINS, 1999, p. 12-17).² Além disso, é possível que o termo “psicologia” tenha tido a sua primeira aparição documental no contexto da Reforma, por Marco Marulic, de 1524 (ROLLINS, 1999, p. 4). Felipe Melancton, discípulo de Lutero, deu visibilidade ao termo em sua obra *Commentarius de Anima*, ao usá-lo para diferenciar o estudo da alma humana, à qual se refere pelo termo psicologia, do estudo do espírito ao qual se refere pelo termo pneumatologia (ROLLINS, 1999, p. 4 e p. 144).

Gerd Theissen levanta uma questão crucial que revela a razão de a crítica bíblica psicológica ser tão importante. “Pode o contexto de vida dos textos bíblicos ser clarificado sem que se leve em consideração os aspectos e fatores psíquicos presentes?” (THEISSEN, 1987, p. 61). As ferramentas da psicologia são capazes de lançar luz sobre o conhecimento do comportamento dos personagens nas narrativas, bem como dos fenômenos bíblicos e religiosos; e isso não deveria ser desprezado³.

Exum e Clines também defendem o criticismo bíblico psicológico. Eles dizem:

Considerando que os autores atendem às suas próprias necessidades psicológicas e pulsões ao escreverem os textos, suas respectivas estruturas psíquicas são objetos de estudos legítimos. [...] Ainda que muito pouco se possa afirmar sobre o que se passa na mente de autores reais, muito se pode inferir sobre os autores a partir da leitura dos textos. Como a psicanálise revelou o poder do inconsciente em seres humanos, estudiosos de produções textuais podem se debruçar sobre as forças inconscientes que podem estar por detrás dos grifos dos autores (EXUM; CLINES, 1993, p. 18).

Alguém pode perguntar, no entanto, como será possível a um leitor acessar a mente de alguém que ele não conheceu. Exum e Clines respondem: “Nós podemos desvendar a mente dos personagens e suas relações com os textos, ao perguntarmos o que eles revelam sobre a condição humana, psicologicamente falando” (EXUM; CLINES, 1993, p. 18). Ilona Rashkow propõe que a leitura psicológica da Bíblia considere não apenas o que é dito no texto, mas como é dito no texto (RASHKOW, 1993, p. 22-25). J Harold Ellens lembra que “em adição aos outros paradigmas da crítica textual

² *De Anima*, o maior tratado de Tertuliano, tem sido chamado de “a primeira psicologia cristã. Agostinho também incluiu o estudo da psicologia nas suas obras teológicas, como pode ser visto em *De anima et eius origine*, *De Immortalitate Animae* e *De Quantitate Animae*.

³ Martin Leiner e D. Andrew Kille também discorrem sobre os benefícios do uso da teologia e da psicologia na compreensão mútua de ambas as ciências. Para mais sobre os autores, recomenda-se Leiner, M. *Psychologie und Exegese* (1995) e Kille, A. *Psychological Biblical Criticism* (2000).

que são legitimamente aplicados aos textos, nós devemos aplicar os paradigmas que nos levam a entender o funcionamento do indivíduo” (ELLENS, 1997, p. 193-208). Ou seja, o leitor pode acessar aspectos psicológicos de pessoas que eles jamais conheceram pessoalmente ao tentarem compreender o que eles diziam, como eles diziam e porque eles diziam.

É também digno de nota destacar que não apenas teólogos mostraram interesse por questões psicológicas. Psicólogos e médicos também revelaram sua curiosidade por temas da religião. Sigmund Freud, pai da psicanálise, escreveu três textos que tocam questões religiosas: *Totem e Tabu* (1913), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Embora tratando a religião como sinal de imaturidade, movimento de aproximação de um campo (religião) pelas lentes de outro (psicologia) pode ser visto em suas obras. Jung, um dos discípulos de Freud, também deu grandes contribuições à psicologia bíblica. Em um de seus seminários, escreveu “Nós devemos ler a Bíblia, ou jamais entenderemos a psicologia. Nossa psicologia, nossa vida por completo, nossa linguagem e imagem estão construídas a partir dela” (JUNG, 1930, p. 34). Como afirma Rollins, “nem Freud, nem Jung desenvolvem uma estratégia formal para a interpretação bíblica. Mesmo assim, o trabalho do curso de uma vida de ambos nos legou guias para uma abordagem psicológica de interpretação da Bíblia” (KILLE; ROLLINS, 2007, p. 43).

Considerações finais

A abordagem da teologia pelas lentes da psicologia preenche algumas lacunas não supridas por outras tradições hermenêuticas. Ela é capaz de responder questões que não foram atendidas antes, e estimular perguntas que não tinham ainda sido feitas. *Insights* psicológicos podem lançar luz sobre alguns aspectos da religião, ao explorar fatores psíquicos que possivelmente estão presentes nas práticas religiosas. Enquanto uma leitura teológica da Bíblia suscita questões como “o que o autor está ensinando nesta passagem?” ou “quais doutrinas podem ser estabelecidas a partir deste livro?”, uma leitura psicológica da Bíblia provoca questionamentos como “o que pode estar por detrás deste tipo de comportamento?” ou “quais traços de personalidade se escondem por detrás deste personagem?”.

A psicologia e a teologia, portanto, podem ser complementares na compreensão das Escrituras, bem como das comunidades de fé que moldam suas vidas de acordo com os seus valores. Os benefícios de se colocar ambas as ciências lado a lado se evidenciam quando alguém reconhece que o trabalho de um teólogo inclui responder aos anseios mais profundos da existência humana, assim como trazer a tais anseios alguns *insights* que emergem da Palavra de Deus. As lentes da psicologia podem ser úteis tanto para que se compreenda a natureza dos personagens bíblicos, quanto para que se compreenda a natureza dos leitores da Bíblia⁴. Como afirma Kille, “há múltiplos níveis de interação de indivíduos com a Bíblia, envolvendo experiências dos autores, do texto em si, e da comunidade que o interpreta” (KILLE; ROLLINS, 2007, p. 236).

Logo, a leitura dos textos sagrados provoca um complexo — e muitas vezes invisível e silencioso — processo de formação e remodelação de uma cultura. Ao considerar este processo incluindo a perspectiva da psicologia, um leitor pode evitar ignorar aspectos relevantes na análise do grupo, texto, doutrina ou personagem a ser estudado (MEISSNER, 2002). Como já mencionado, não se trata de uma hermenêutica substitutiva. Antes, de um necessário olhar complementar à análise dos textos sagrados e práticas eclesiais de comunidades de fé que, sendo formadas por indivíduos carregados de subjetividade, carecem de múltiplas lentes para que sejam mais bem compreendidas em suas complexidades.

Referências

BECK, T. J. *Outlines of Biblical Psychology*. Edinburgh: T & T Clark, 1877.

DELITZSCH, F. *A System of Biblical Psychology*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2010.

DITTES, J. *Pastoral Counseling*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999.

DUECK, A.; LEE, C. “Why Psychology Needs Theology: A radical-reformation perspective”. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.

⁴ Gerd Theissen fez uso de perspectivas da psicologia para se aprofundar em alguns aspectos da teologia paulina (1987). D. Andrew Kille, por outro lado, faz uso de perspectivas psicológicas para considerar como a Bíblia afeta diretamente o comportamento de indivíduos e grupos (2007).

- ELLENS, H. *The Bible and Psychology, an Interdisciplinary Pilgrimage*. Pastoral Psychology, v. 45, n. 3 1997.
- EXUM, C.; CLINES, D. (eds.) *The New Literary Criticism and the Hebrew Bible*. Sheffield: Sheffield and Academic Press, 1993.
- FITZMYER, J. *Scripture: The soul of theology*. Mahwah: Paulist Press, 1994.
- FLETCHER, S. *The Psychology of the New Testament*. Charleston: Nabu Press, 2010.
- GILL, R. *Churchgoing and Christian Ethics: New studies in Christian Ethics*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- GRANT, F. C. *The Gospels*. London: Faber & Faber, 1959.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Ethnography: Principles in practice* (3rd Ed). New York: Taylor & Francis, 2007.
- HAUERWAS, S. *Christian Existence Today: Essays on church, and living in between*. Durham: The Labyrinth Press, 1988.
- HAUERWAS, S. In *Good Company: The church as polis*. Notredame: University of Notre Dame Press, 1995.
- HEALY, N. M. *Church, World and the Christian Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- HUNSINGER, D. *Theology and Pastoral Counseling*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.
- JUNG, CG. (1997) *Visions Seminars: Notes on the Seminars Given in 1930-1934*. Ed. C. Douglas, Princeton, Princeton University Press.
- KILLE, D. A.; ROLLINS, W. G. (Ed) *Psychological Insight into the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.
- LOPES, A. N.; SEARLE, D. *Liberalism and Fundamentalism*. 2002.
- MEISSNER, W. *The Cultic Origins of Christianity*. Collegeville: The Liturgical Press, 2002.
- MILBANK, J. *Theology and Social Theory: Beyond secular reason*. Oxford: Blackwell, 2006.
- MIILLER-MCLEMORE, B. *Let the Children Come: Reimagining Childhood from a Christian Perspective*. San Francisco: Jossey-Bass, 2003.
- MOSCHELA, C. *Ethnography as a pastoral practice*. Cleveland: The Pilgrim Press, 2008.
- MURPHY, N. *Theology in the Age of Scientific Reasoning*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

PATTISON, S. *The Challenge of Practical Theology: Selected essays*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

RASHKOW, I. *The Phallacy of Genesis: A Feminist-Psychoanalytic Approach*, Louisville: Westminster/John Knox Press, 1993.

ROLLINS, W. *Soul and Psyche: The Bible in Psychological Perspective*". Minneapolis: Fortress Press, 1999.

SAPSFORD, R.; JUPP, V. *Data Collection and Analysis*. London: Sage, 2006.

SCHAREN, C.; VIGEN, A. M, *Ethnography as Christian Theology and Ethics*. London: Continuum, 2001.

SWINTON, J.; MOWAT, H. *Practical Theology and Qualitative Research*. London: SCM Press. 2001.

THEISSEN, G. *Psychological Aspects of Pauline Theology*. Philadelphia: Fortress, 1987.

WOODWARD, J.; PATTISON, S. *The Blackwell Reader in Pastoral and Practical Theology*. Oxford: Blackwell, 2000.

RECEBIDO: 22/11/2018
APROVADO: 17/04/2020

RECEIVED: 11/22/2018
APPROVED: 04/17/2020